



Divulgação



João Caldas (divulgação)



João Caldas (divulgação)



Divulgação

TEATRO

Tudo sobre o musical e sua conexão com a moda

ENTREVISTA

O figurinista Marcos Pacheco fala sobre os looks da peça

CLÁSSICOS

Os filmes (e os personagens) mais estilosos dos anos 1950

CARTA DO EDITOR

MODA & CINEMA

O cinema sempre exerceu uma grande influência sobre a moda masculina. E, no passado, essa influência era ainda maior. Nos anos 50, não existia Instagram, Netflix ou Google. A própria internet ainda estava muito longe de ser inventada. Quanto à televisão? Ela era um luxo para poucos – havia pouquíssimos canais disponíveis e o preço da TV era astronômico. O cinema era, portanto, a principal fonte de inspiração de moda para os homens, ao lado das revistas. Os astros de Hollywood ditavam as tendências com um poder quase absoluto, tanto com os figurinos usados nos filmes, quanto com as roupas do dia-a-dia. A década de 1950 marcou o final da Era de Ouro do cinema. O glamour hollywoodiano estava no seu apogeu. Essa época coincidiu, também, com mudanças sociais, culturais e econômicas que revolucionaram a moda masculina. Os jovens romperam com o estilo formal das gerações anteriores, com peças como a camiseta, a calça jeans e as jaquetas de couro se tornando um símbolo de sua rebeldia. Marlon Brando, James Dean e Elvis Presley são símbolos deste movimento. Isso não significa, porém, que os ternos saíram de cena. Pelo contrário – a alfaiataria continuou nos holofotes, com ícones como Frank Sinatra, Gary Cooper e Cary Grant exibindo seus ternos bem cortados com orgulho. Aproveitando a estreia em São Paulo do musical “Cantando na Chuva”, inspirado no icônico filme de 1952, decidimos homenagear a *golden age* hollywoodiana com esta edição do MM Journal, dedicada a esse momento tão histórico da moda masculina.



Pedro Nog

EDITOR-CHEFE

EXPEDIENTE | MODA MASCULINA

DIRETOR EDITORIAL
Pedro Nog

DIRETOR COMERCIAL
Thiago Sievers

EDITORES
Camila Nardelli
Erik Wallker

PRODUTORES
Bárbara Nicésio
Ruth Moraes

FALE CONOSCO

contato@modamasculinajournal.com.br



Reprodução / Mr. Porter

A ERA DE OURO DE HOLLYWOOD

Uma viagem pelos filmes mais estilosos dos anos 1950, uma época de criatividade e inovação que definiu o ritmo da moda masculina por décadas

POR CAMILA NOGUEIRA NARDELLI

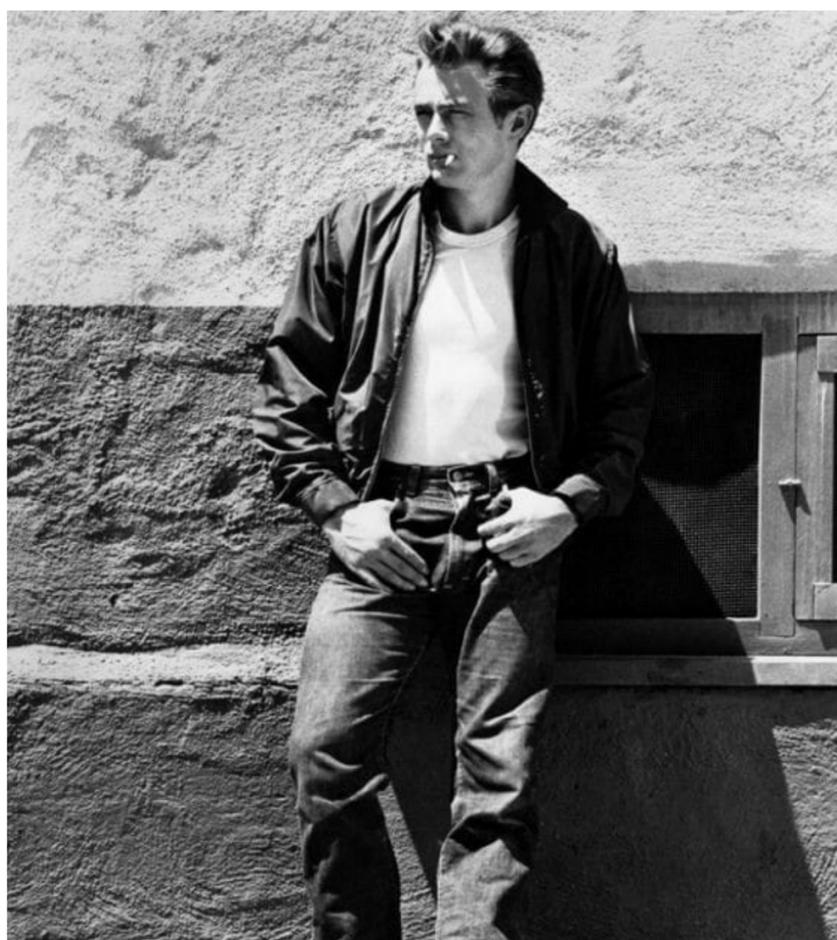
“**QUANDO O SEU PAPEL** é vestir as maiores estrelas de Hollywood, você deve ser um artista, um psiquiatra e, acima de tudo, um diplomata”, afirmou Edith Head, estilista americana que venceu nada menos do que 8 Oscars de melhor figurino, consolidando-se como a mulher que mais conquistou as invejadas estatuetas em toda a história.

Head, que viveu entre 1897 e 1981, teve seu auge nos anos 1950, na assim chamada Época de Ouro do cinema americano. Nesse período, floresceram alguns dos maiores nomes da sétima arte, como Cary Grant, Marlon Brando, James Dean, Audrey Hepburn e Marilyn Monroe. E mais: nele nasceram muitas das tendências que observamos até os dias atuais,

como por exemplo a camiseta branca e a jaqueta de couro. A década de 1950, marcada por um desabrochar cultural sem precedentes e por um forte otimismo e fartura pós-Segunda Guerra, estimulou o nascimento de perspectivas sociais e artísticas novas e, como consequência, foi fundamental para a moda masculina.

Caracterizada por uma combinação de extravagância e conservadorismo, que sem dúvida era reflexo do boom pós-guerra, a moda masculina da década foi influenciada tanto pela austeridade dos anos 1940 quanto pelas novas tendências da cultura juvenil emergente, e passou a incorporar mais cores, mais estampas e estilos mais casuais. A Época de Ouro foi um período de transição, de elegância e também do nascimento dos estilos casuais modernos, e o cinema não apenas refletiu, mas também moldou, tendências e comportamentos. A indústria cinematográfica dos anos 1950 fomentou uma série de elementos, acessórios e estilos que perduram até hoje.

Filmes como “O Selvagem”, de 1953, e “Juventude Transviada”, de 1955, fizeram mais – muito mais – do que somente narrar histórias interessantes. Esses filmes apresentaram uma estética visual única. Seus trajes ajudaram a definir o que era elegante, o que era estiloso e o que era moderno. Nessa edição do MMJ, que visa homenagear o cinema antigo e seus ícones, examinaremos 10 dos filmes mais estilosos dos anos 1950. Com isso, não estaremos apenas revisando um longo catálogo de tendências antigas; estamos mergulhando em um período de criatividade, de inovação e de mudança que definiu o ritmo da moda



Divulgação

Filmes como “O Selvagem” e “Juventude Transviada” (imagem) ajudaram a definir o estilo jovem da época



Divulgação

Fred Astaire de smoking em “Cinderela em Paris”

Divulgação



Nem Marlon Brando esperava que “O Selvagem” fosse causar tamanho impacto na moda masculina

Divulgação



Marlon Brando em “Uma Rua Chamada Pecado”

masculina por décadas. Pegue uma taça e brinde conosco a esses momentos de brilhantismo estilístico, e sinta ressoar dentro de você estes momentos históricos da moda masculina no cinema e no mundo.

O SELVAGEM (1953)

“Fazer parte deste filme foi uma grande diversão”, afirmou Marlon Brando, muito tempo depois da estreia de “O Selvagem”, possivelmente o filme mais importante dessa lista. “Só que nunca esperei que tivesse o impacto que teve. Fui tão surpreendido quanto qualquer outra pessoa quando a camiseta branca, a calça jeans e a jaqueta de couro tornaram-se o símbolo por excelência da rebeldia e esgotaram-se rapidamente nas lojas”. Foi, então, para a surpresa – e acreditamos que também para a satisfação – do próprio ator que sua imagem em “O Selvagem” tornou-se emblemática. A jaqueta de couro, em particular, que até então nada mais era do que uma peça prática para motociclistas, transformou-se em um ícone de estilo atemporal, adotado por diversas subculturas e gerações como símbolo de rebeldia e resistência. A influência de Brando e de “O Selvagem” na moda foi imensa, inspirando a popularidade do estilo bad boy, com elementos utilitários, rústicos e um charme despreocupado.

JUVENTUDE TRANSVIADA (1955)

James Dean se tornou de tal modo um símbolo da rebeldia e da sensualidade que ele está presente no imaginário cultural até hoje. Afinal, se Taylor Swift em “Style” e Lana del Rey em “Blue Jeans” citaram o ícone de



“Guys and Dolls” retrata muito bem a moda nova-iorquina dos anos 1950



Uma reinterpretação contemporânea do look de James Dean em “Juventude Transviada”

maneira elogiosa, pode ter certeza que legiões de pessoas pensam igual. Com o figurino do icônico designer Moss Mabry, nomeado para 4 Oscars, o filme cristalizou a imagem do jovem inconformado e introspectivo, cujo estilo tornou-se um símbolo de uma geração que desafiava o status quo. Dean, com sua icônica jaqueta vermelha de nylon, camiseta branca e jeans azul, encapsulou uma estética capaz mesmo de transcender a tela, estabelecendo um “atalho visual para a rebelião”, como colocou G. Bruce Boyer, historiador de moda e autor do livro “True Style: The History and Principles of Classic Menswear”.

UMA RUA CHAMADA PECADO (1951)

Baseado na obra de Tennessee Williams e dirigido por Elia Kazan, esse filme é um marco no cinema americano. Mas, mais do que vemos o personagem de Marlon Brando bêbado chamando por sua Stella, ou Vivien Leigh em uma performance fenomenal que a levou a ganhar seu segundo Oscar, o encanto do filme é a maneira como o seu figurino encapsula as personalidades, os passados e as convicções de cada um dos personagens. Em uma era em que os atores não contavam com a ajuda de suplementos e treinos intensos na academia, Marlon, ainda mais forte e mais esbelto do que de costume, exemplificou uma virilidade bruta e um charme rude, descuidado que se tornou icônica. A simplicidade de seu traje, que destacava o seu corpo de forma quase teatral, contrastava com as tendências mais formais e contidas que até o momento dominara a moda. A figurinista do filme,

Lucinda Ballard, lembra-se que o que a inspirou foi a visão de escavadores em Manhattan. “Suas roupas estavam tão sujas que se colavam aos seus corpos. Era suor, é claro, mas eles se pareciam com estátuas. Pensei, é isso que eu quero: o brilho da animalidade”, lembrou-se anos depois.

GUYS AND DOLLS (1955)

“Guys and Dolls”, de 1955, é basicamente uma joia cintilante do cinema musical que, para a nossa sorte, brilhou tanto na tela quanto no universo da moda. O filme, protagonizado por Marlon Brando e por Frank Sinatra, cativou as audiências com suas melodias alegres e contagiantes, seus diálogos espirituosos e seu visual sofisticado. Ambientado na cidade de Nova York dos anos 50, “Guys and Dolls” exhibe um desfile de trajes masculinos invejável composto por ternos bem cortados, chapéus estilosos e gravatas chamativas. Os cuidados com os detalhes, desde os padrões dos tecidos até a precisão dos cortes, destacou o quão importante é o vestuário para refletir a personalidade e o status social de um personagem – e de uma pessoa.

MATAR OU MORRER (1952)

Como falar de moda sem citar ao menos um filme de faroeste? “Matar e Morrer”, dirigido por Fred Zinnermann e estrelado por Gary Cooper, é um dos mais memoráveis westerns da história do cinema. Ambientado em uma pequena cidade americana, o filme explora uma série de questões, como coragem, honra e sacrifício. O vestuário do protagonista, o xerife Will Kane, reflete



Divulgação

O sempre elegante Cary Grant em “O Ladrão de Casaca”



Divulgação

Gary Cooper em “Matar ou Morrer”, clássico do faroeste americano

perfeitamente a sua integridade e resoluta determinação. Vestindo um distintivo de xerife, um chapéu de abas largas e uma camisa clara com um colete escuro, o personagem personifica o arquétipo do herói do oeste americano. O filme revitalizou o interesse pelas roupas ligadas ao Velho Oeste, incentivando homens a incorporarem uma série de elementos como chapéus, coletes e botas em seus guarda-roupa diários.

CINDERELA EM PARIS (1957)

Ah, Fred Astaire. O maior dançarino da história do cinema, e sem dúvida um dos homens mais estilosos a darem a graça de sua presença nas telas. Em “Cinderela em Paris”, temos um prato cheio para amantes de moda masculina e também feminina. O filme transcende a fronteira entre cinema e moda, celebrando o encanto e a elegância da alta costura. Uma história despretensiosa sobre uma jovem atendente de livraria transformada em modelo internacional nos oferece, em última instância, uma visão fascinante do mundo da moda em Paris. Embora a moda seja abordada especialmente através dos figurinos belíssimos e inesquecíveis utilizados por Audrey Hepburn, é igualmente notável a sutil, porém muito significativa, influência que o filme teve na moda masculina. Inspirado no real fotógrafo de moda Richard Avedon, o personagem de Astaire exibe uma elegância atemporal com seus ternos bem cortados e seu estilo impecável. Uma ode à beleza e à sofisticação e uma fonte de

inspiração a homens e mulheres até os dias de hoje, “Cinderela em Paris” encanta também por seus números musicais.

LADRÃO DE CASACA (1955)

Como poderia uma lista de filmes dos anos 1950, mesmo focados em moda, deixar de ter ao menos um clássico de Hitchcock? Bem, nessa lista temos dois, e o primeiro deles é um dos meus favoritos: “Ladrão de Casaca”, que combina suspense, romance, glamour e uma série de figurinos femininos e masculinos de cair o queixo na deslumbrante Riviera. Cary Grant interpreta John Robie, um ex-ladrão de joias que exibe uma elegância impecável. Seu guarda-roupa, consistindo de ternos bem cortados, camisas de cores claras, gravatas discretas e suéteres listrados, define um padrão de vestuário masculino que encapsula a sofisticação e a discricção, sugerindo o passado misterioso de seu protagonista ao mesmo tempo em que mantém uma aparência charmosa e acessível.

ALTA SOCIEDADE (1956)

“Alta Sociedade” é um musical cintilante que brilha no firmamento do cinema clássico por conta da combinação de músicas cativantes – de ninguém menos que o meu compositor favorito, Cole Porter, que fique aqui registrado –, diálogos espirituosos e um elenco mais do que impressionante composto por Grace Kelly, Bing Crosby e Frank Sinatra. Os trajes masculinos no filme são um verdadeiro destaque, refletindo a sofisticação e o status

social dos personagens envolvidos. Contando com uma estética Old Money, o filme proporciona uma visão do vestuário masculino como uma forma de expressão de refinamento.

INTRIGA INTERNACIONAL (1959)

Dirigido também pelo mestre do suspense Alfred Hitchcock, “Intriga Internacional” é uma história de espionagem emblemática que combina intriga, romance, ação e... moda, pois juntamente com “O Selvagem” é considerado um dos filmes mais influentes dos anos 1950 no que se refere a moda masculina, graças ao estilo impecável de Grant. No filme, Grant interpreta um publicitário que é confundido com um agente secreto. A sua vestimenta é, em essência, uma extensão de sua personalidade sofisticada e urbana. Vestindo um terno cinza feito sob medida, o personagem reflete uma elegância e uma compostura essenciais para enfrentar as adversidades que o enredo lhe reserva. O ator, conhecido pelo seu senso de estilo, reforça neste filme a ideia de que a moda masculina pode ser ao mesmo tempo refinada e prática. A preferência por linhas limpas, tecidos de qualidade e o ajuste perfeito foram adotados por homens em todo o mundo, aspirando replicar a encantadora aura de acessibilidade e autoridade exibida pelo ator.

SINDICATO DE LADRÕES (1954)

“Sindicato de Ladrões” é um filme profundamente enraizado nas tensões sociais e de lutas pelo poder na sociedade



Cary Grant em “Intriga Internacional”



Frank Sinatra e Grace Kelly em “Alta Sociedade”

americana do pós-guerra. A obra, que explora as complexidades da corrupção sindical e a redenção pessoal, não só ganhou vários prêmios da Academia, incluindo Melhor Filme, mas teve um impacto notável na moda masculina da época, em especial através do estilo de Brando. O ator, que interpreta Terry Malloy, um jovem ex-boxeador que se torna um peão nas mãos de um sindicato corrupto, veste-se de maneira simples e funcional, refletindo a sua situação e ambiente: camisetas básicas, jaquetas de lona e jeans ou calças de trabalho. Este visual enfatiza a vulnerabilidade e rudeza de Terry e, ao mesmo tempo, populariza a estética do “homem comum”, com todo o seu realismo crítico.

JAILHOUSE ROCK (1957)

“Jailhouse Rock”, estrelado por Elvis Presley, foi um marco na carreira cinematográfica do Rei do Rock e exerceu uma influência significativa na moda da época. O filme, conhecido por suas vibrantes performances musicais e pela emblemática coreografia de Presley, foi um divisor de águas: destacou um estilo que viria a definir toda uma geração. Nele, temos Vincent Everett, um jovem que se transforma de delinquente a uma estrela do rock. Seu estilo é um reflexo direto da cultura jovem rebelde dos anos 50 e 60, encontrando-se bem no limiar dessas duas décadas. Com jeans justos, camisetas básicas e jaquetas jeans e de couro, Elvis personifica o protótipo do “bad boy” charmoso e carismático, um visual que capturou imediatamente a imaginação do público jovem. E, se a tendência começou anos atrás com Brando e Dean, foi Presley quem cimentou de vez esse estilo como uma parte integrante do guarda-roupa masculino na cultura popular.



Divulgação

“Jailhouse Rock” narra a transformação de um delinquente juvenil em estrela do rock



Divulgação

Elvis exibindo o estilo motociclista rebelde popularizado por Brando em “O Selvagem”

CANTANDO NA CHUVA (1957)

“Cantando na Chuva”, dirigido por Gene Kelly e Stanley Donen, é muitas coisas em uma única: um filme musical exuberante e alegre, mas gravado em meio a sangue, suor e lágrimas (e febre, pois Gene Kelly dançou a icônica cena na chuva doente, com uma febre de 39 graus). É um filme surpreendente moderno, mas ao mesmo tempo uma cápsula do tempo que captura o glamour e a evolução da indústria cinematográfica durante a transição do cinema mudo para o sonoro. Lembrado por suas sequências de dança inovadoras e músicas cativantes, temos que tirar nosso chapéu para a equipe de figurinistas. Gene Kelly, como Don Lockwood, exhibe um guarda-roupa que é um testemunho de elegância e estilo nos anos 20 e 30 – período em que se passa o enredo. Seus trajes bem cortados, chapéus Fedora e sapatos de dança não apenas complementam sua performance dinâmica, mas também refletem a moda masculina da época, que valorizava a silhueta nítida e a atenção aos detalhes. Enquanto as roupas de Gene Kelly são primorosamente adaptadas para a dança e a movimentação, elas também promovem uma imagem de sofisticação descomplicada que se tornou um ideal para o público masculino. A famosa cena da chuva, com Kelly usando um terno leve e um chapéu Fedora enquanto dança e canta sob uma chuva torrencial, ajudou a cimentar a imagem do traje masculino como uma forma de expressão pessoal e arte. ■



Divulgação

Gene Kelly, sempre profissional, gravou a cena mais icônica do filme em meio a uma febre de 39 graus



Divulgação

Gene Kelly e Jean Hagen como Don Lockwood e sua primeira parceira de dança, Lina Lamont



UM ENCONTRO MÁGICO ENTRE CINEMA E TEATRO

Além de fazer chover de verdade no palco, o musical "Cantando na Chuva" traz números de dança e sapateado para homenagear a história do cinema

POR ERIK WALLKER

CONVENHAMOS: A MAGIA DO CINEMA é algo inexplicável. Mas quando ela se junta ao teatro, o resultado é extraordinário. Digo isso pois "Cantando na Chuva" está em cartaz no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, e a maneira como o filme ganha vida no palco é única. O musical é inspirado no clássico filme de 1952, é uma bela homenagem à sétima

arte, além de uma celebração do teatro, onde palco e tela se encontram de forma emocionante. O musical nos leva para a Hollywood do final dos anos 1920, época da transição crucial na indústria cinematográfica. O cinema mudo dava espaço ao cinema falado, e o musical mostra (com um humor afiado e inteligente) as

dificuldades e desafios dessa mudança. A história segue o carismático Don Lockwood, interpretado por Rodrigo Garcia, e sua parceira de cena, Lina Lamont, vivida por Fefe Muniz. A chegada do cinema falado traz complicações para os atores, especialmente para Lina, cuja voz um tanto quanto estridente não se adapta bem ao novo formato. Don encontra apoio em Cosmo Brown (Mateus Ribeiro) e na talentosa Kathy Selden (Gigi Debei), uma dançarina de teatro que acaba conquistando seu coração.

A produção do musical traz todos os elementos que fazem do teatro uma experiência inesquecível. Por isso, "Cantando na Chuva" é um espetáculo visual, com coreografias impressionantes, cenários impecáveis e figurinos deslumbrantes que trazem o ar dos anos 20 para a atualidade. Inclusive, a cena clássica de Gene Kelly dançando na chuva é recriada de forma magistral no palco por Rodrigo Garcia, com uma chuva real caindo sobre o ator. Tal momento é de tamanha perfeição, que os apaixonados pela obra cinematográfica - como quem vos escreve - certamente vão se emocionar. É como se a arte ganhasse vida, ali na sua frente. De fato, é um feito tão surpreendente, quanto mágico.

A produção brasileira é uma clara homenagem ao filme original, mas também se destaca por explorar criativamente o mundo do teatro. Se você já conhece o clássico, vai se surpreender com esta nova versão. E se não conhece, tudo bem. O musical conta uma história clara e envolvente para todos os públicos, com elementos e referências que redefiniram a arte moderna. Já o elenco, que é o grande coração da peça, apresenta performances carismáticas e enérgicas, trazendo uma nova vida aos personagens icônicos do filme. Rodrigo



João Caldas (divulgação)

Don Lockwood e Kathy Selden transbordam charme (e química) em cena



João Caldas (divulgação)

O musical recria com fidelidade momentos importantes do filme

João Caldas (divulgação)



Os figurinos são icônicos

Garcia dá ao personagem de Don Lockwood uma presença forte e cativante, enquanto Gigi Debei, como Kathy Selden, adiciona graça, talento e charme à produção. Mateus Ribeiro, no papel de Cosmo Brown, é uma fonte contagiante de alegria e humor, enquanto Fefe Muniz, como Lina Lamont, entrega uma atuação hilária e surpreendente.

No final, "Cantando na Chuva" é uma celebração do cinema, do teatro e da arte em geral. É uma experiência que toca o coração e a alma, deixando um sorriso no rosto e uma sensação de alegria inexplicável. O espetáculo é tão contagiante, que ao sair pela porta do teatro, a vontade é grande de pegar um guarda-chuva e sair cantarolando por aí embaixo de uma chuva... ■

João Caldas (divulgação)



Rodrigo Garcia (Don Lockwood) e Mateus Ribeiro= (Cosmo Brown) são puro entretenimento juntos em cena



João Caldas (divulgação)

A ARTE DE VESTIR PERSONAGENS

Uma conversa com Marco Aurélio Pacheco, um dos responsáveis pelo figurino da nova produção teatral brasileira de "Cantando na Chuva"

POR ERIK WALLKER

O FIGURINISTA MARCO AURÉLIO PACHECO precisou fazer longos estudos sobre como a moda da Hollywood dos anos 1920 poderia se conectar com os dias de hoje, sem perder a essência estética de uma das maiores obras do cinema mundial. No ramo há mais de 10 anos e responsável pelo figurino de diversos musicais de sucesso, como "O Homem

de La Mancha" (2014-17), "A Noviça Rebelde" (2018), "A Escola do Rock" (2019), "Wicked" (2023) e muitos outros, batemos um papo exclusivo com Marco para ficar por dentro dos desafios que ele e suas colegas de equipe – Ligia Rocha e Jemima Tuany – encontraram ao trazer para os palcos brasileiros o musical "Cantando na Chuva".

Como foi equilibrar a necessidade de autenticidade histórica com as demandas estéticas do musical? Há alguma era específica que inspirou mais os figurinos?

Quando pensamos em figurino para um musical, a primeira questão a ser levada em conta é a funcionalidade do mesmo. É necessário estudar os movimentos das cenas e o corpo dos atores, além disso deixar ele esteticamente bonito e que ajude a contar a história. O papel do figurino é ajudar a conta-la de uma forma bonita, funcional e que venha a trazer também as formas e vestimentas da época retratada. Neste musical em questão, fizemos uma vasta pesquisa dos anos 20 e do movimento Art Deco da época, incorporando-os ao figurino.

Quais foram os maiores desafios técnicos ao criar figurinos que precisam interagir com a água – como o icônico momento em que Don Lockwood canta literalmente embaixo de chuva? Como você garantiu que os trajes mantivessem sua forma e beleza sob tais condições que não são tão comuns no teatro?

Esse musical em questão foi um grande desafio, visto que o figurino do protagonista é molhado em todas as sessões. Neste caso em específico fizemos uma pesquisa de tecidos impermeáveis em lojas para estofados externos e encontramos o tecido perfeito que atendia as necessidades de costura e caimento da peça e que não limitasse os movimentos do ator, pois são bem trabalhados na coreografia das cenas. Para as capas de chuvas, escolhemos um material específico próprio para a fabricação delas, mas trazendo um toque de época e características Art Deco na estampa.



Reprodução / Redes Sociais

Marco Aurélio Pacheco (foto), Ligia Rocha e Jemima Tuany assinam o figurino do musical



João Caldas (divulgação)

Rodrigo Garcia interpreta Don Lockwood, personagem eternizado no cinema por Gene Kelly

João Caldas (divulgação)



Entre uma cena e outra, os personagens esbanjam figurinos diferentes e cheios de vida

João Caldas (divulgação)



A funcionalidade é um dos maiores desafios ao dar vida aos figurinos de um musical

Como você vê a influência da moda dos anos 1920 no estilo contemporâneo? Existem elementos dos trajes do musical que você acredita que poderiam influenciar ou inspirar a moda masculina atual?

Os anos 20 sempre foi uma grande inspiração para diversos estilistas da atualidade. Para a moda masculina acredito que os ternos clássicos nunca saem de moda, deixando o homem sempre elegante. As barras das calças mais curtas são tendências que já presenciamos no estilo atual também. Um acessório que eu acho lindo e elegante é o chapéu, que poderia voltar a ser um acessório masculino mais usual.

Como você acha que os trajes do musical podem inspirar o público a explorar novas tendências de moda ou até reviver estilos clássicos em seu próprio guarda-roupa?

Acredito que possam influenciar na combinação de cores que para a época eram bem ousadas, além de explorarem elementos que até já usamos atualmente como a barra da calça mais curta, suspensórios e também o uso do colete de alfaiataria. Outro item clássico dos anos 20 que rende variações incríveis é o clássico Oxford bicolor (preto e branco e o marrom e branco). ■